

Quissamã: turismo e planejamento urbano

Quissamã: tourism and urban planning

Quissamã: turismo y urbanismo

Rosilene de Oliveira Barra Lima

Mestre em Ambiente Construído, UFJF, Brasil
rosiarquitetura@yahoo.com.br

Antonio Ferreira Colchete Filho

Professor Doutor, UFJF, Brasil.
arqfilho2@globocom



RESUMO

Este artigo tem por objetivo demonstrar a importância dos recursos hídricos, apesar do histórico de intervenções conduzidas pelo homem, tomando por foco de análise quatro dos corpos d'água da cidade de Quissamã, no Rio de Janeiro, apresentando-os desde sua formação até como eles são abordados atualmente no Planejamento Urbano do Município, considerando a sua importância para o desenvolvimento do turismo local. O estudo foi realizado através de um levantamento documental e bibliográfico sobre águas urbanas, com evidência para a cidade de Quissamã, levando à hipótese de que os recursos hídricos do município foram bastante alterados em função da modernização juntamente com os momentos econômicos vividos e, apesar de contar com um Plano Diretor, suas diretrizes e a cidade não valorizam a importância da paisagem hídrica. Foram desenvolvidos também croquis cartográficos e levantamentos fotográficos que permitiram uma leitura mais objetiva destas paisagens, apresentando enfim a relação entre as intervenções, em maior ou menor grau, que ocorreram ao longo dos anos e o impacto gerado por elas, no âmbito estético, ambiental e social, reconhecendo assim a importância que essas paisagens possuem na estruturação do território, sendo instrumentos fundamentais do planejamento urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem Hídrica. Qualidade Visual. Planejamento Urbano. Turismo. Quissamã/RJ.

ABSTRACT

This article aims to demonstrate the importance of water resources, despite the history of human-driven interventions, focusing on the analysis of four of the water bodies in the city of Quissamã, in Rio de Janeiro, presenting them from their formation to how they are currently addressed in the Urban Planning of the Municipality, considering their importance for the development of local tourism. The study was carried out through a documentary and bibliographic survey on urban waters, with evidence for the city of Quissamã, leading to the hypothesis that the municipality's water resources were significantly altered due to the modernization along with the economic moments experienced and, despite having a Master Plan, its guidelines and the city do not value the importance of the water landscape. Cartographic sketches and photographic surveys were also developed that allowed a more objective reading of these landscapes, finally showing the relationship between the interventions, to a greater or lesser degree, that occurred over the years and the impact generated by them, in the aesthetic, environmental and thus recognizing the importance that these landscapes have in structuring the territory, being fundamental instruments of urban planning.

KEYWORDS: Water landscape. Visual Quality. Urban planning. Tourism. Quissamã/RJ.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo demostrar la importancia de los recursos hídricos, a pesar de la historia de las intervenciones impulsadas por humanos, centrándose en el análisis de cuatro de los cuerpos de agua en la ciudad de Quissamã, en Río de Janeiro, presentándolos desde su formación hasta cómo actualmente se abordan en la Planificación Urbana del Municipio, considerando su importancia para el desarrollo del turismo local. El estudio se llevó a cabo a través de una encuesta documental y bibliográfica sobre aguas urbanas, con evidencia para la ciudad de Quissamã, lo que lleva a la hipótesis de que los recursos hídricos del municipio se alteraron significativamente debido a la modernización junto con los momentos económicos experimentados y, a pesar de Tener un Plan Maestro, sus directrices y la ciudad no valoran la importancia del paisaje acuático. También se desarrollaron bocetos cartográficos y encuestas fotográficas que permitieron una lectura más objetiva de estos paisajes, finalmente mostrando la relación entre las intervenciones, en mayor o menor grado, que ocurrieron a lo largo de los años y el impacto generado por ellas, en lo estético, ambiental y reconociendo así la importancia que tienen estos paisajes en la estructuración del territorio, siendo instrumentos fundamentales de la planificación urbana.

PALABRAS CLAVE: Paisaje del agua. Urbanismo. Turismo. Quissamã / RJ.

1 INTRODUÇÃO

As paisagens fazem-se e desfazem-se, evoluem, ganham e perdem complexidade por ação conjugada do homem e da natureza. Nelas se ligam interativamente comportamentos físicos, químicos e biológicos. Com uma intervenção humana, que direta ou indiretamente, condiciona e interfere com o ciclo e o percurso da água, tornando o fácil, suave, controlado e aproveitando dela o máximo como recurso essencial à vida ou, pelo contrário, acelerando-o e fazendo-o violento, caprichoso, capaz das maiores destruições. Um castigo em vez de uma benesse (FADIGAS, 2005, p. 35).

Nas últimas décadas, a questão ambiental passou a ter importância primordial em várias instâncias de discussão sobre o modo de vida e os padrões de consumo da sociedade, bem como sobre os modelos de gestão política e econômica em todo o mundo. Sendo a paisagem objeto de estudo de diferentes disciplinas e correntes teóricas, recebeu ao longo de muitos anos diferentes conceitos segundo as abordagens particulares de cada ciência no que se refere aos seus corpos teóricos, metodológicos e epistemológicos.

Chegando aos dias de hoje como algo fluido e em contínua transformação, analisada conjuntamente com ações e movimentos humanos e não humanos, não mais como algo único, acabado e rígido, a paisagem se transformou. Assim destacam-se as alterações das paisagens naturais, em função da urbanização, instalação e crescimento das cidades, com grande ênfase, a partir do século XVIII, para os altos níveis de antropização das paisagens naturais e de artificialização a que foram submetidos o meio hídrico-urbano e seus elementos componentes, como cursos e corpos d'água.

Historicamente, observa-se que até meados do século XIX, no município de Quissamã, nos períodos de chuva, rios transbordavam, inundando as planícies adjacentes, ampliando o espelho d'água das inúmeras lagoas, unidas por uma intrincada rede de canais, formando assim um imenso pantanal, que assim permanecia por vários meses (BINDER, 2001). No entanto, no decorrer dos anos, com a modernização do município e, sua consequente expansão populacional e territorial, ocorreram inúmeras intervenções antrópicas, acarretando em alterações na morfologia desses recursos hídricos. "O lugar mostra através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma com se utiliza de tais recursos" (CALLAI, 2000, p. 97).

Em Quissamã, está presente o maior complexo de lagoas e lagunas do estado do Rio de Janeiro juntamente com o segundo maior canal artificial do mundo, com aproximadamente 105 km de percurso: o Canal Campos-Macaé, que tem seu início na Lagoa Feia, passando pelo município de Quissamã, pelo Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, onde está um complexo de 14 lagoas, desembocando no município de Macaé. Porém, as medidas e ações empregadas para a mitigação ou solução dos conflitos entre o meio urbano e o meio hídrico seguem promovendo alterações sobre tais águas. Assim, perpetua-se a relação de negação e afastamento entre cidade e suas paisagens hídricas.

No entanto, dado sua relevância social, política, ambiental e econômica, o conjunto de paisagens hídricas de Quissamã, é de grande importância não somente para o município e seus arredores, em que sua bacia de drenagem atende uma população de mais de 100 mil pessoas, como para o restante do país, como fonte de lazer e turismo. Sendo oportuno então, indagar sobre a evolução e a situação atual das áreas naturais que se encontram nesse Município, como estas áreas se relacionam com o Homem e a cidade, e como elas são pensadas e tratadas no Planejamento Urbano.

2 METODOLOGIA

A realização do estudo que resultou na produção deste artigo se ampara metodologicamente em pesquisa documental e bibliográfica centrada no aspecto primordial de compreensão do grande tema das paisagens hídricas urbanas: a história de formação e modificações dos corpos d'água da cidade de Quissamã-RJ atrelada ao seu processo de urbanização, com ênfase em quatro paisagens hídricas da cidade: Lagoa Feia, Lagoa da Ribeira, Complexo de Lagoas do Parque Nacional de Jurubatiba e Canal Campos-Macaé. Afirma-se o propósito de analisar a superfície hídrica, os usos ao longo das margens, as conexões com vias e as conexões com áreas verdes desses corpos hídricos.

A proposta metodológica para a condução deste artigo leva em conta a abordagem da valoração da paisagem que, complementada pela abordagem da percepção, demonstra ser eficiente ferramenta para a análise dos impactos resultantes dos usos diversos de determinado espaço (SANTOS, 2003). O uso da interdisciplinaridade entre a percepção e valoração das paisagens, torna possível “identificar os aspectos mais valorizados da paisagem pelos diferentes atores e os níveis em que ela pode ser utilizada sem que se perca o seu valor” (SANTOS, 2003, p. 3).

Pires (2005) propõe o uso de indicadores que permitem avaliar as qualidades estéticas de uma paisagem, nascidas da combinação dos componentes naturais e humanos e resultando na formação de expressão visual objetiva da paisagem. Tais indicadores são definidos como: diversidade, que “expressa a variedade paisagística existente num determinado espaço territorial”; naturalidade, que se “expressa pela ausência ou pela insignificância de elementos ou estruturas de origem humana em uma área”; singularidade, que “se caracteriza pela existência de ocorrências de origem natural (...) ou manifestações de origem humana”; e detratores, que resultam de “atividades humanas que imprimem um aspecto de ‘artificialização’ e distanciamento das condições naturais da paisagem”, podendo implicar degradação visual e ambiental que reduzem a qualidade visual de uma paisagem (PIRES, 2005, p. 419). Os detratores podem ser relacionados a processos naturais como maremotos, erupções vulcânicas, erosão e outros, porém consideramos em nossa pesquisa apenas aqueles que resultam da ação direta humana.

Sendo assim, nos propomos a avaliar as paisagens hídricas de Quissamã abarcando análise do histórico de formação de cada um dos corpos hídricos nos aspectos territorial/infraestrutural, social/simbólico e ambiental/ecológico, em conexão com a avaliação de sua qualidade visual através dos indicadores formulados por Pires (2005), que resultam em classificação de inferior a superior, segundo apresentado no quadro 1 também proposto pelo autor.

Quadro 1: Classificação da paisagem segundo sua qualidade visual

Classe de Qualidade Visual	Parâmetros de Enquadramento
Qualidade visual superior (S)	A. Níveis superiores de diversidade e naturalidade.
	B. Com singularidade grande a razoável.
	C. Ausência de detratores, ou no máximo, pequeno detrator.
Qualidade visual média-superior (MS)	A. Nível superior de diversidade e médio-superior de naturalidade.
	B. Com singularidade limitada a razoável.
	C. Ausência de detratores, ou no máximo, pequenos detratores.
Qualidade visual média (M)	A. Níveis médios de diversidade e naturalidade.
	B. Ausência de singularidades.
	C. Presença de pequenos e médios detratores.
Qualidade visual média-inferior (MI)	A. Média diversidade.
	B. Naturalidade média-inferior
	C. Ausência de singularidade
	D. Presença de médio(s) detrator(es).
Qualidade visual inferior (I)	A. Níveis inferiores de naturalidade e diversidade.
	B. Sem singularidade.
	C. Presença de médio(s) e grande(s) detrator(es)

Fonte: Pires, 2005.

Com a intenção de realizar uma análise aprofundada dessas paisagens a partir da perspectiva da vivência, utilizou-se como ferramenta para coleta de informações a observação dos percursos errantes em trechos específicos de cada um dos quatro corpos hídricos de Quissamã, apresentados acima, com o fim de descrevê-los criticamente no âmbito dos processos de antropização urbana. Vale frisar que o foco desta pesquisa é justamente a relação dessas paisagens com o meio urbano, planejamento urbano, uso e ocupação do solo e qualidade visual como valorização turística

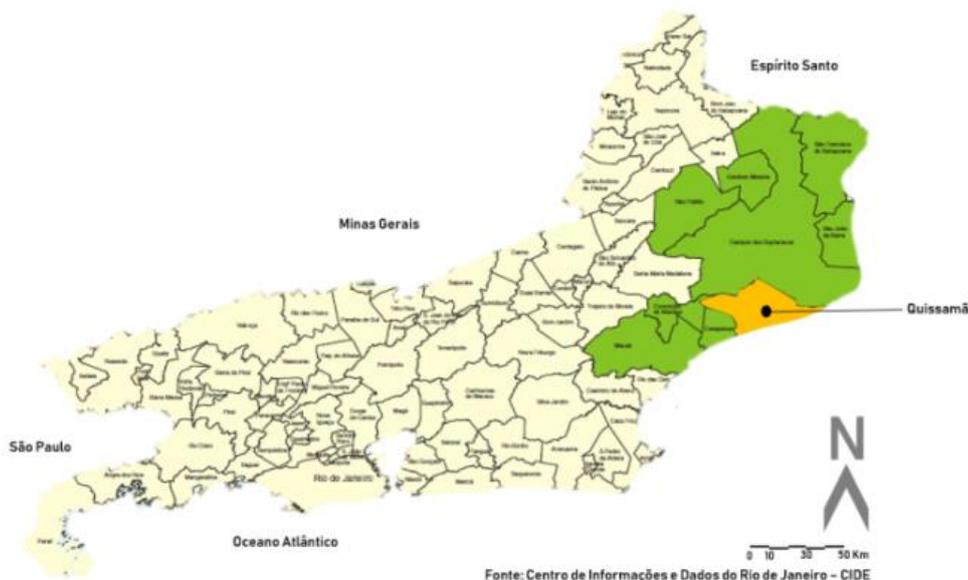
Os percursos foram realizados a pé e em alguns trechos com veículo motorizado devido às distâncias a serem analisadas, sendo os trechos definidos em função da proximidade ou contato desses com a malha urbana, já que por serem paisagens naturais de grande dimensão, e uma boa parte delas estarem em meio rural, não seria possível analisá-las em toda sua extensão.

Para registro das informações, foram utilizados papel, lápis, um mapa (para marcação dos percursos realizados) e câmera fotográfica (para registrar imagens de pontos específicos, definidos baseando-se na relação com a malha urbana e o seu entorno imediato).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O município de Quissamã está localizado na região Norte Fluminense, juntamente com os municípios de Campos dos Goytacazes, Carapebus, Cardoso Moreira, Conceição de Macabu, Macaé, Quissamã, São Fidélis, São Francisco de Itabapoana e São João da Barra (figura 1). A cidade de Quissamã possui uma área total de aproximadamente 660 km². Confronta-se ao Norte com o município de Campos; a Leste e a Sul com o Oceano Atlântico; a Oeste com o município de Conceição de Macabu e a Noroeste com o município de Carapebus. O município está localizado numa vasta região aplainada cujos pontos mais altos não ultrapassam 100 metros de altitude, denominada Baixada Campista.

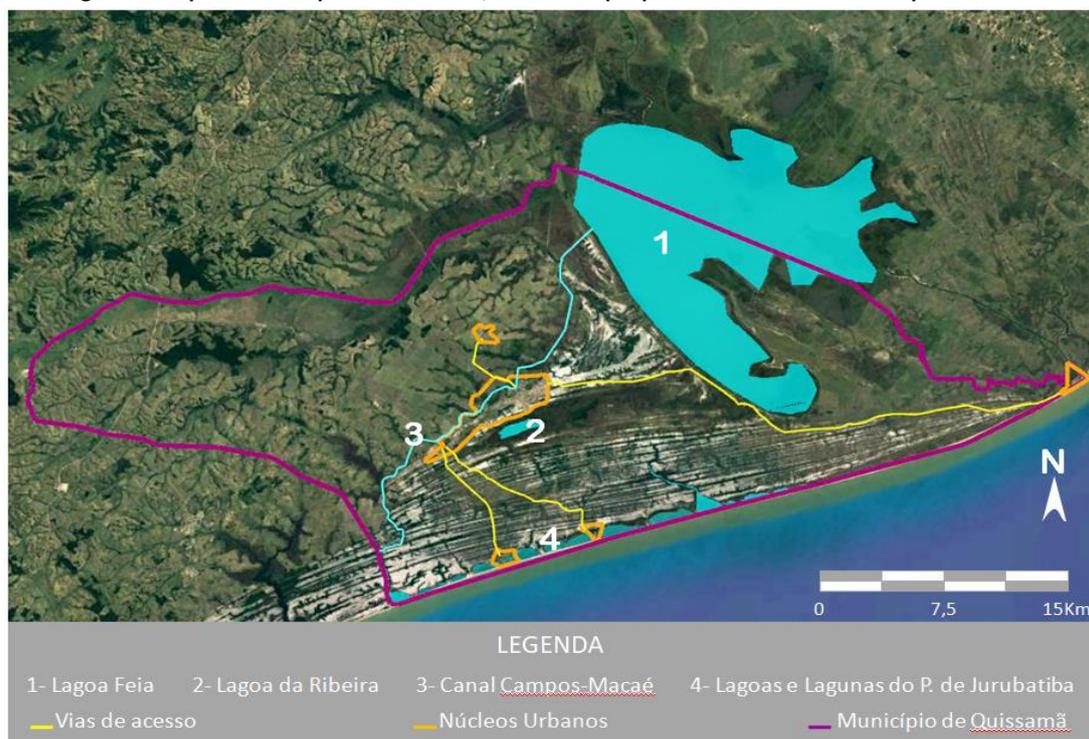
Figura 1: Mapa de Localização do Município de Quissamã



Fonte: Elaborado pelos autores, com base no CIDE.

Através da figura 2, pode-se ver a localização dos quatro corpos hídricos estudados, juntamente com o núcleo urbano de Quissamã, e observa-se também uma comunicação geográfica entre eles, sendo que o Canal Campos-Macaé sai da Lagoa Feia, perpassa pelo núcleo urbano e chega às Lagoas do Parque Nacional de Jurubatiba. A única lagoa que vemos atualmente sem ligação com o restante é a Lagoa da Ribeira, que antes das intervenções ocorridas era uma extensão da Lagoa Feia, por isso foi também uma das paisagens escolhidas, além de tangenciar a malha urbana e ser a lagoa mais expressiva que restou após o processo de aberturas de canais.

Figura 2: Mapa do município de Quissamã, com destaque para núcleos urbanos e corpos hídricos



Fonte: Google Earth, 2018. Adaptado pelos autores, 2019.

Tendo em vista esse cenário de contínuas alterações sobre as lagoas e rios relativas às intervenções antrópicas executadas em razão da expansão agropastoril, da redução de perdas econômicas por causa de enchentes que atingiam os principais assentamentos humanos na região estabelecidos de forma inadequada nas planícies de inundação, ou ainda com o propósito de se eliminar os focos de reprodução de mosquitos transmissores da malária, o resultado para as bacias hidrográficas de Quissamã não seriam positivos. A progressiva drenagem dos corpos d'água no município acarretou em grandes perdas para a paisagem hídrica local, para não dizer das óbvias perdas ambientais advindas da extinção de fontes hídricas ou de seu quase desaparecimento.

A cidade de Quissamã conta com um Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PPDU) desde o ano 2006. O PPDU, em suas proposições, ao tratar dos recursos hídricos e mananciais, considera área de preservação permanente toda forma de vegetação em faixa marginal aos corpos d'água, que variam de 30 metros a 300 metros de distância do recurso hídrico, dependendo da largura do mesmo, sendo a distância de 300 metros, nesse caso, somente para a Lagoa Feia (CÂMARA MUNICIPAL DE QUISSAMÃ, 2006). No caso de marginais onde o recobrimento vegetal nativo não mais existir ou estiver em acentuado grau de degradação, poderão ser implantados novos projetos paisagísticos, desde que licenciados pelos órgãos ambientais competentes.

Entretanto, há uma dificuldade de interesse em se pensar o lado contrário, ou seja, de se assumir como de fundamental importância a produção de políticas que busquem melhorar a qualidade de vida da sociedade local e de seu ambiente como um todo, evitando permanecer nos discursos eminentemente de natureza técnica e desprovida de conhecimento da ecologia política e da gestão ambiental. Cabe então aos planejadores centrarem suas atenções em compreender os impactos de suas ações a partir das relações existentes do ambiente físico, natural e social.

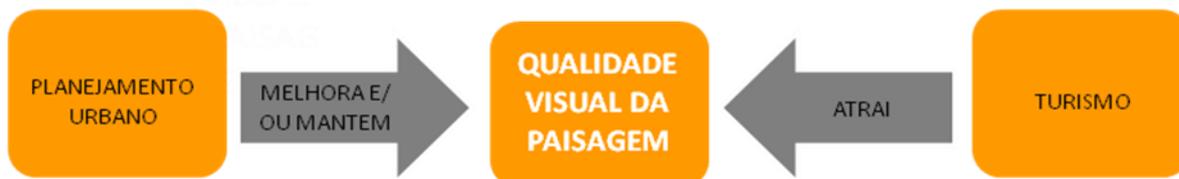
Por serem paisagens naturais ou “naturalizadas”, com grande parte delas estando em área rural e, conseqüentemente com uma melhor preservação nestas áreas, os trechos analisados de cada uma delas, foi definido em função do contato com o meio urbano. Como são paisagens com um elevado potencial turístico, mas ainda pouco explorado, tem-se a preocupação com o crescimento desordenado, que pode vir a ocorrer futuramente, lembrando que é um município de pequeno porte, mas que já tem incidências em alguns pontos específicos destas paisagens com graves problemas de ocupação irregular nas margens desses corpos hídricos estudados e falta de manutenção, gerando assoreamento e eutrofização das águas.

Através desta pesquisa, constatou-se que, apesar de ser um município de pequeno porte, Quissamã/RJ conta com um Plano Diretor que delimita as Zonas de Interesse Ambiental e Turístico, além de apresentar diretrizes referentes ao Uso e Ocupação nas margens dos seus corpos hídricos. No entanto, temos um grande número de edificações e loteamentos nas margens do Canal e de algumas Lagoas, que desrespeitam o que é estabelecido no Plano. Ou seja, ainda falta um planejamento mais efetivo que valorize a água, já que ela é tão presente no município como um todo, além da conscientização da população que precisa ter acesso a essas paisagens, mas de forma harmônica e respeitável.

Delimitamos nossa análise sobre o potencial turístico de cada corpo hídrico, através do uso de indicadores da qualidade visual de cada paisagem em harmonia com Pires (2005), a qual interfere diretamente na atração do turismo para determinados locais. Essa relação fica demonstrada no esquema abaixo (figura 3), em que um planejamento urbano, eficaz e aplicável, valorizando os pontos de maior relevância e impacto, conforme a realidade de cada município, juntamente com implantação de infraestrutura de apoio, obtém-se uma melhora e/ou mantém-se a qualidade visual já existente nas paisagens, que é o ponto chave para atração do turismo.

Assim, quanto melhor a qualidade visual da paisagem, maior será a atração do turismo, mas para que o turismo cresça e se desenvolva de forma sustentável é necessário um planejamento com diretrizes específicas para essas áreas de forma a atender às necessidades de cada uma delas e dos usuários, através de melhorias e estratégias para que o próprio turismo não destrua aquilo que o atrai.

Figura 3: Relação entre Qualidade Visual da Paisagem, Planejamento Urbano e Turismo



Elaborado pela autora, 2020.

No entanto, a análise da paisagem hídrica realizada nesta pesquisa tem seu foco direcionado para a valorização da paisagem, sob a perspectiva do Planejamento Urbano e do Turismo Sustentável, de forma a não considerar todos os inúmeros aspectos que poderiam ser levantados referentes à leitura dessas paisagens, pois é um tema bastante amplo e multidisciplinar. Isso poderia significar fugir do objetivo principal desta pesquisa, que se propõe à análise de quatro paisagens hídricas do município nos aspectos já mencionados acima, trazendo os resultados que serão apresentados em cada uma das paisagens, com suas respectivas particularidades e pontos em comum.

Sendo assim apresentaremos na sequência, cada paisagem separadamente, através de uma síntese histórica e análises e percepções referentes ao uso e ocupação do solo, planejamento urbano e potencial turístico de cada uma delas, através dos componentes naturais, infraestruturais e sociais, bem como sua avaliação em termos de qualidade visual.

3.1 LAGOA FEIA

A segunda maior lagoa de água doce do país (figura 4), fazendo divisa entre o município de Quissamã e Campos dos Goytacazes, porém com uma parcela considerável da sua superfície dentro dos limites do município de Quissamã. Uma lagoa que sofreu enorme redução em seu espelho d'água, devido a inúmeras intervenções do homem ao longo dos anos.

Figura 4: Lagoa Feia



Fonte: Autores, 2019.

Uma das grandes intervenções no município de Quissamã foi a construção do Canal da Flecha, iniciado em 1942, com o objetivo único e exclusivo de drenar as águas da Lagoa Feia para o oceano e ao mesmo tempo poder controlar o seu nível através da instalação de um sistema de 12 comportas manobráveis. Um canal artificial com 13 km de extensão por 120 m de largura, o qual substituiu o escoamento natural pelos rios da Onça, Novo, do Ingá, do Barro Vermelho e do Furado, que se uniam no Rio Iguaçu. Essa obra foi a principal responsável pela redução da área ocupada pelo espelho d'água da Lagoa Feia que passou dos 275 km², no início do século XX, para os atuais 173 km², ocasionando uma perda de cerca de 37% de superfície (figura 5). Como resultado, uma área de aproximadamente 10.000 ha, constituída de terras públicas, foi subtraída do espelho d'água da Lagoa Feia e anexada pelas propriedades privadas lindeiras, sendo utilizada para diversos cultivos e também como fonte de pastagens (BIDEGAIN; BIZERRIL; SOFFIATI, 2002).

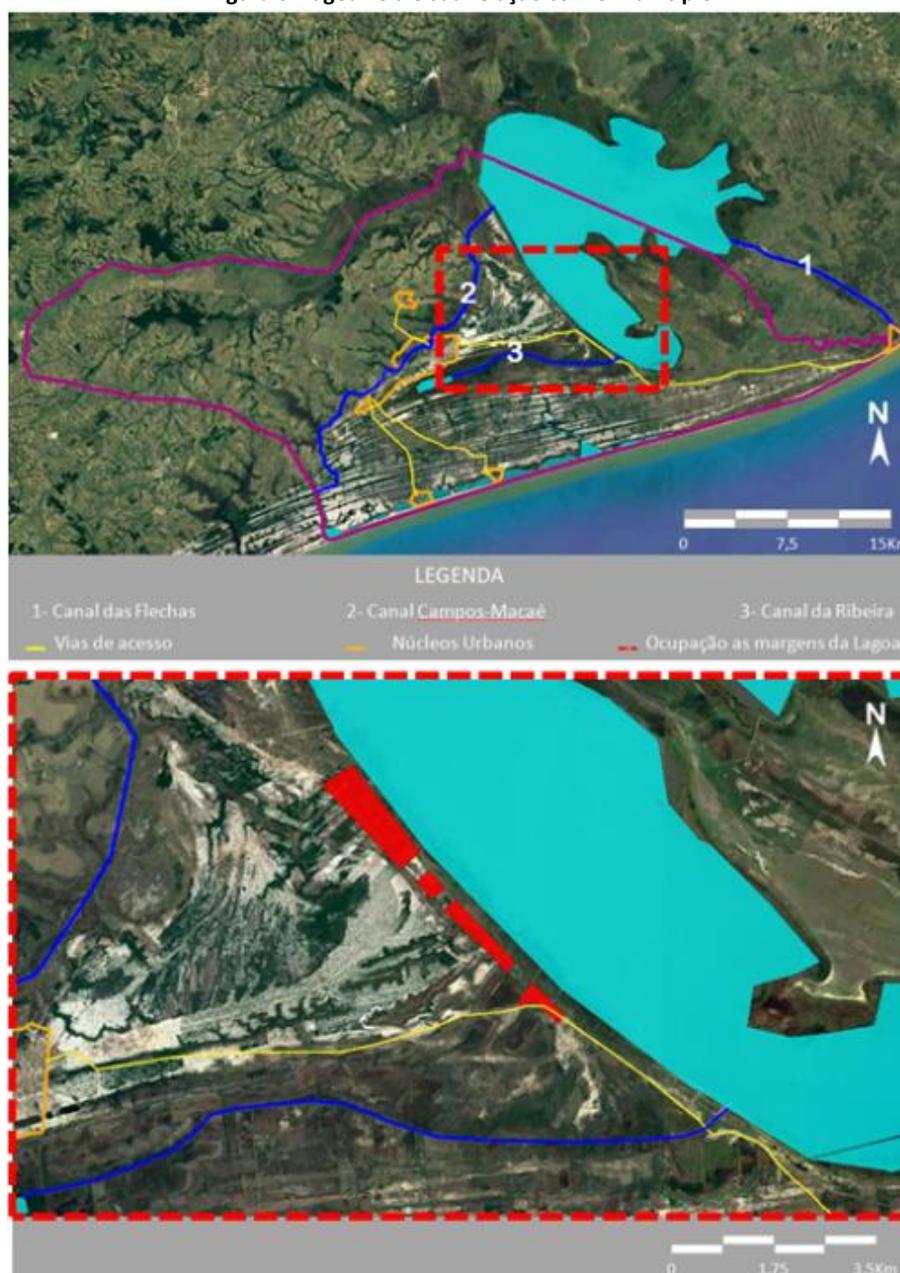
Figura 5: Redução do espelho d'água da Lagoa Feia



Fonte: BIDEGAIN; BIZERRIL; SOFFIATI, 2002. Redesenhado pelos autores, 2019

Como representado na figura 6, demonstra-se através de dois mapas os três canais que saem da Lagoa Feia – o Canal Campos-Macaé, o canal das Flechas, e o canal da Ribeira – além das vias de acesso que ligam o centro de Quissamã à Praia de Barra do Furado, margeando a Lagoa, e percebemos que a ocupação ao longo das suas margens, no trecho analisado, em sua grande maioria respeita as diretrizes apresentadas no plano diretor do município, que exige afastamento mínimo de 300 metros, mesmo sendo essa uma área rural.

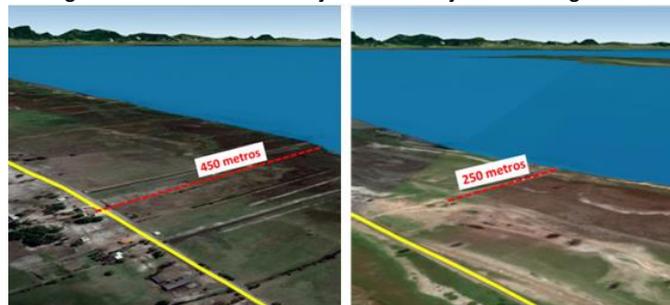
Figura 6: Lagoa Feia e sua relação com o município



Fonte: Google Earth, 2018. Adaptado pela autora, 2019.

Em contrapartida, visto que tais ocupações encontram-se a 400 e 450 metros da lagoa, desrespeitam o Código Florestal (BRASIL, 2012), que exige 500 metros de afastamento, havendo alguns casos pontuais com afastamento menor que 300 metros, o que se verifica mais claramente em imagens de satélite (figura 7).

Figura 7: Vista de cima da relação das edificações com a Lagoa Feia



Fonte: Google Earth. Adaptado pela autora, 2019.

A Lagoa Feia, apesar de não estar dentro do perímetro urbano de Quissamã, dentre os corpos hídricos analisados, foi a que mais sofreu alteração quanto à sua morfologia, em função da criação de inúmeros canais, acarretando numa redução de 2/3 do seu espelho d'água.

Com relação ao Planejamento Urbano, temos evidências de edificações residenciais construídas dentro do afastamento mínimo permitido pelo Plano Diretor e/ou pelo Código Florestal, porém temos também grande parte das margens com seus afastamentos respeitados.

No trecho analisado da lagoa, com relação à infraestrutura que permita o contato do homem com a natureza e, conseqüentemente, o desenvolvimento do turismo, é inexistente, pois a rodovia que margeia a lagoa encontra-se a 1 km das margens de fato e, apesar da rodovia estar em bom estado de conservação, não se consegue chegar às margens com facilidade, pois não existem caminhos ou pistas de caminhada que levam até ela, além de todo o trecho ser ocupado por propriedades particulares.

Ainda assim, a Lagoa Feia é uma paisagem com alto potencial turístico, tanto pela sua grandiosidade, como pelas características de vento adequadas a prática de alguns esportes, como o *windsurf*. Porém a falta de infraestrutura retrai todo esse contato do homem com o meio, desvalorizando-a a tal ponto de cair no esquecimento pela população e no abandono pelo poder público.

Após avaliarmos a qualidade visual da Lagoa Feia, através da análise pelos indicadores sugeridos por Pires (2005), obtemos o resultado no quadro 2 que nos permite classificá-la como sendo de Qualidade Média (M).



Quadro 2: Análise dos indicadores de qualidade visual da Lagoa Feia

	Diversidade				Naturalidade			
	Relevo	Vegetação	Água	Ativ. humanas	Natural sem alterações visíveis ou pouco alteradas	Paisagem urbana com expressiva presença de áreas verdes	Paisagem urbana com poucos elementos naturais ou áreas verdes	
Pouco								
Moderado								
Muito								
Resultado	Inferior a Média				Superior			

	Singularidade							Detratores
	Unicidade, raridade, grandiosidade, excepcional beleza	Amplitude Visual	Fenômenos atmosféricos notáveis	Presença de fauna	Paisagem natural sem alterações	Aspectos ecológicos, geográficos ou ambientais	Interesse histórico ou cultural	Intrusão
Pouco								
Moderado								
Muito								
Resultado	Média a Superior							Média

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

3.2 LAGOA DA RIBEIRA

Sendo uma extensão da Lagoa Feia, a Lagoa da Ribeira é uma lagoa que está muito próxima do centro de Quissamã (figura 8), com 1,5 km aproximadamente de distância, podendo ser visitada sem necessidade de transportes automotivos. E, assim como a Lagoa Feia, sofreu também uma grande redução em seu espelho d'água em decorrência da redução da primeira, já que a mesma era uma extensão e hoje é abastecida por um estreito canal.

Figura 8: Lagoa da Ribeira



Fonte: Juberto Silva, 2018.

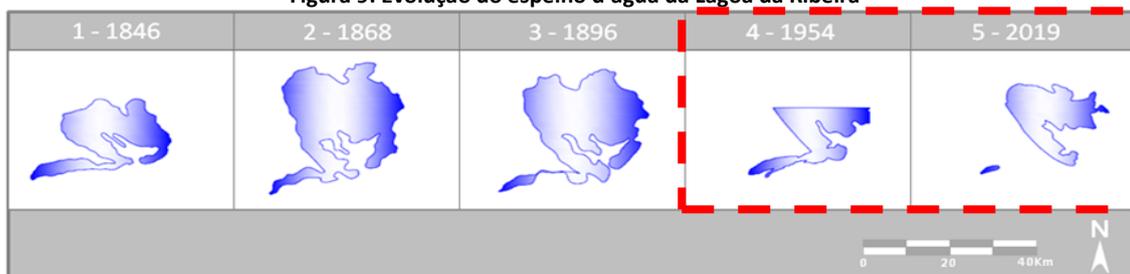
A formação da lagoa da Ribeira se deu de forma intimamente ligada ao processo de formação da lagoa Feia, pois segundo Bidegain, Bizerril e Soffiati (2002), estes corpos hídricos estavam



ligados, naturalmente, em seus primórdios, sendo a Ribeira considerada um braço da Feia. Essas lagoas são classificadas como deltaicas, ou seja, são lagoas formadas nas depressões de depósitos flúvio-marinhos, onde o antigo delta do rio Paraíba do Sul sofreu alterações no curso e barramentos por material arenoso marinho.

Conforme podemos observar na figura 9, alguns mapas apresentados por diferentes autores e redesenhados demonstram a Lagoa da Ribeira como uma extensão da Lagoa Feia, que com o passar dos anos ela foi se separando, mas ainda no ano de 1954 continuou ligada naturalmente a Lagoa Feia, mesmo com algumas alterações de formas já notadas. Já em 2019, tem-se a lagoa da Ribeira totalmente independente da Lagoa Feia, período em que ela sofre maior redução em seu espelho. Essa redução, provavelmente foi decorrente da construção do Canal da Flecha, que sai da Lagoa Feia e deságua no oceano.

Figura 9: Evolução do espelho d'água da Lagoa da Ribeira



Fonte: Adaptado pela autora de Jesus et al. (2019) e de Google Earth (2019), 2019.

A Lagoa da Ribeira, se comparada à Lagoa Feia, possui bem menor superfície, porém tem uma superfície bastante expressiva, se comparada a outras lagoas urbanas. Como já dito, essa lagoa tange o perímetro urbano de Quissamã e, assim como a Lagoa Feia, também sofreu grande redução do seu espelho d'água, já que é um braço desta.

A Lagoa da Ribeira é o único corpo hídrico, dentre os que foram analisados, que não tem edificações dentro do afastamento mínimo permitido pelo município. No trecho analisado, nesta pesquisa, a lagoa tange a malha urbana no bairro Caxias, estando a aproximadamente 1,5 km do centro e com condições de acesso limitadas a pedestres. Por isso, o contato do homem com a lagoa é quase nulo, dando-se apenas pelos pescadores em suas atividades.

Por ser uma lagoa de grandiosidade, praticamente toda em seu estado natural, com fauna bastante preservada e tão próxima do centro da cidade, caracteriza-se como um importante espaço público com potencial de reabilitação urbana, porém muito pouco explorado.

Podemos perceber isso por meio da figura 10, que permite verificar a proximidade da lagoa com o núcleo urbano por meio da foto desse trecho e em contrapartida uma segunda foto que mostra como essa paisagem parece estar livre de qualquer uso ou interferência do Homem.

Figura 10: Relação da Lagoa da Ribeira com o núcleo urbano



Fonte: Google Earth, 2018. Adaptado pelos autores, 2019.



Após avaliarmos a qualidade visual da Lagoa da Ribeira, através da análise pelos supracitados indicadores de qualidade visual, chegamos ao resultado no quadro 3, que nos permite classificá-la como sendo de Qualidade Média (M).

Quadro 3: Análise dos indicadores de qualidade visual da Lagoa da Ribeira

	Diversidade				Naturalidade			
	Relevo	Vegetação	Água	Ativ. humanas	Natural sem alterações visíveis ou pouco alteradas	Paisagem urbana com expressiva presença de áreas verdes	Paisagem urbana com poucos elementos naturais ou áreas verdes	
Pouco								
Moderado								
Muito								
Resultado	Inferior a Média				Superior			
	Singularidade							Detratores
	Unicidade, raridade, grandiosidade, excepcional beleza	Amplitude Visual	Fenômenos atmosféricos notáveis	Presença de fauna	Paisagem natural sem alterações	Aspectos ecológicos, geográficos ou ambientais	Interesse histórico ou cultural	Intrusão
Pouco								
Moderado								
Muito								
Resultado	Média a Superior							Média

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020

3.3 CANAL CAMPOS-MACAÉ

O Canal Campos-Macaé é um dos inúmeros canais artificiais construídos no município, porém o de maior relevância para nossa pesquisa, pois além de ser o de maior extensão, sendo o segundo maior canal artificial do mundo, tem também uma grande importância para a sociedade local e história da economia do município e região. E apesar de tão importante, encontra-se de certa forma abandonado pelo poder público e pela população em geral (figura 11).

Figura 11: Canal Campos-Macaé



Fonte: Fernanda Barcelos, 2019.

O canal foi construído no século XIX para servir como meio de transporte do açúcar produzido nos engenhos de cana-de-açúcar da região de Campos até o Porto de Macaé e o trânsito de pessoas interligando as bacias do Rio Paraíba do Sul, da Lagoa Feia e do Rio Macaé.

Com 100 km de extensão, o canal foi aberto com a largura de 11 metros e profundidade média de 1,30 metros, considerada a maior obra de engenharia no Brasil durante o Império e o segundo maior canal no planeta, e a proposta original era a de levar o canal até a cidade de Niterói, situada a 261 km de Campos dos Goytacazes, porém os custos econômicos e humanos para a construção do canal foram altos e sua extensão foi forçosamente reduzida. Em seu percurso, corta quatro municípios da região Norte-Fluminense do estado do Rio de Janeiro, sendo eles Campos dos Goytacazes, Quissamã, Carapebus e Macaé.

Além do transporte de cana-de-açúcar, o canal atendia à drenagem de brejos e lagoas, ampliando as áreas para o plantio da cana-de-açúcar por meio da dissecação dos terrenos alagados. Até os anos 1970, a abertura de canais se destacou como solução para a drenagem de terrenos e conquista contínua de novas áreas para o cultivo da cana. A falta de manutenção desta imensa rede de canais, que requer limpeza e consolidação constante de suas margens, o uso dos canais como despejo de esgotos, a eliminação da vegetação de floresta em toda a região que favorece ao assoreamento dos canais e as facilidades impostas pelo transporte rodoviário (ainda que não seja, do ponto de vista ambiental, a melhor solução) reduziu sua capacidade de circulação das águas e, conseqüentemente, são hoje estruturas com pouco uso. O canal que parte da Lagoa Feia e perpassa pelo município todo, chegando até as Lagoas do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, sem dúvidas é de grande relevância no contexto histórico do município por ter sido uma das maiores obras de engenharia do século XIX.

Quanto à sua morfologia, mesmo sendo um canal artificial, desde que foi construído passou por algumas alterações com relação à profundidade e largura em alguns trechos, devido ao assoreamento e eutrofização, decorrida do lançamento de esgoto indevido e irregular de algumas edificações que o margeiam.

Além de percorrer áreas rurais, há também trechos que seccionam a malha urbana, passando por alguns monumentos históricos (Ruínas de Machadinho, Museu Casa Rosa e 1º Engenho da América Latina). Em alguns pontos do trecho analisado do Canal, ocorrem edificações às suas margens que não respeitam os limites definidos pelo Plano Diretor, além de algumas dessas edificações eliminarem o esgoto diretamente no Canal, de forma irregular, o que gera eutrofização das águas, principalmente nos pontos próximos a essas construções, acarretando em manutenção periódica pelo poder público, o que nem sempre é realizada.

Mesmo o canal não tendo mais a função para que foi construído (escoar o açúcar produzido na região), tem um alto potencial turístico que pode ser explorado através de passeios de barco em que o visitante consegue conhecer grande parte da história do município, além de desfrutar de uma beleza única, seja pelo pôr do sol proporcionado em alguns pontos, ou pelas diferentes paisagens que o Canal apresenta, ora em meio à vegetação rasteira, com uma vista panorâmica do todo, ora pela vista dos monumentos históricos, que ao fundo se igualam a verdadeiras obras de arte e, ora pela vegetação fechada e em seu estado mais natural e preservado, tanto da flora quanto da fauna (nos limites do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba).

No entanto, não há desenvolvimento turístico nesse sentido também pelo fato de não haver um bom acesso da população ao canal, o que implica contato nulo do Homem com o meio, e novamente a desvalorização da paisagem, que poderia ser utilizada como meio de conhecimento, mas encontra-se em total abandono.

Podemos perceber como o canal apresenta diferentes paisagens ao longo do seu trecho, conforme se observa em cada foto da figura 12.

Figura 12:1 Quadro de imagens do Canal Campos-Macaé



Fonte: Google Earth, modificado pela autora, 2019.



Fonte: Fotógrafo Juberto Silva, 2019.



Fonte: Fotógrafo Juberto Silva, 2019.



Fonte: MONTEIRO; TEIXEIRA, 2016.



Fonte: Fotógrafo Juberto Silva, 2019.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

A foto nº 1 mostra um espaço mais amplo, atravessando a área rural do município, ou seja, livre de ocupações em suas margens; na foto nº 2 temos a proximidade e relação do canal com



o núcleo urbano, que intercepta o mesmo, notando algumas edificações ao fundo; na foto nº 3, tem-se as ruínas do Engenho Central de Quissamã às margens do Canal, fazendo um resgate cultural e histórico do local; a foto nº 4 representa a relação mais próxima do canal com o meio ambiente na sua forma mais preservada e natural, momento esse em que o canal está inserido no Parque Nacional de Jurubatiba. Nota-se que o uso e ocupação nas margens do Canal Campos-Macaé é basicamente residencial, com algumas edificações comerciais e uma institucional (escola), além da sede da CEDAE (Companhia Estadual de Águas e Esgotos). Após avaliarmos a qualidade visual do Canal Campos-Macaé, através da análise pelos indicadores de qualidade visual propostos por Pires (2005), obtemos o resultado no quadro 4, que nos permite classificá-lo como sendo de Qualidade Média (M).

Quadro 4: Análise dos indicadores de qualidade visual do Canal Campos-Macaé

	Diversidade				Naturalidade			
	Relevo	Vegetação	Água	Ativ. humanas	Natural sem alterações visíveis ou pouco alteradas	Paisagem urbana com expressiva presença de áreas verdes	Paisagem urbana com poucos elementos naturais ou áreas verdes	
Pouco								
Moderado								
Muito								
Resultado	Inferior a Média				Superior			
	Singularidade							Detratores
	Unicidade, raridade, grandiosidade, excepcional beleza	Amplitude Visual	Fenômenos atmosféricos notáveis	Presença de fauna	Paisagem natural sem alterações	Aspectos ecológicos, geográficos ou ambientais	Interesse histórico ou cultural	Intrusão
Pouco								
Moderado								
Muito								
Resultado	Média a Superior							Média

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020

3.4 COMPLEXO DE LAGOAS E LAGUNAS DO PARQUE NACIONAL DA RESTINGA DE JURUBATIBA

Complexo de Lagoas e Lagunas do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba é certamente uma das paisagens mais belas (figura 13), com grande parte ainda preservada, porém com alguns pontos críticos de avanço da ocupação desordenada, que em alguns casos estão realmente dentro das lagoas. Por ser um complexo de lagoas composto por 18 lagoas e lagunas no total, mas apenas 14 destas estarem no município de Quissamã, e destas 14, algumas estarem praticamente intactas com relação a ocupação de suas margens ou intervenção do homem, nosso foco será direcionado para aquelas de maiores conflitos, não

deixando de mencionar as que se encontram em melhores estados, até mesmo como um parâmetro de comparação da qualidade de cada uma delas.

Figura 13: Lagoa da Garça (Complexo Lagunar do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba)



Fonte: Fernanda Barcelos, 2019.

Dos 65% de área do parque que ficam dentro do município de Quissamã, temos 7 lagunas (Garças, Piripiri I e II, Maria Menina, Robalo, Amarra-boi, Visgueiro) e 4 lagoas (Paulista, Pires, Preta e Ubatuba), sendo elas inundáveis com as cheias provenientes das chuvas e ressacas do mar, possibilitando assim diferentes cenários na paisagem ao longo do ano (figura 14). Assim como no Canal Campos-Macaé, as lagoas nunca serão monótonas, pelo fato já descrito acima e também pelo seu entorno, que em algumas delas temos edificações muito próximas, já em outras parecem estar totalmente intactas com relação à ação antrópica.

O Complexo de Lagoas e Lagunas do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba possui morfologia que foi bastante alterada em alguns pontos, e em contrapartida muito preservada em outros, havendo lagoas totalmente intactas e quase sem contato com o homem, e outras em que a ocupação do solo com edificações às suas margens que invadem o corpo hídrico.

Nas lagoas analisadas, percebe-se um grande número de edificações que não respeitam o afastamento mínimo das margens estabelecido por lei, além de problemas como a eliminação de esgoto diretamente nas lagoas, sem tratamento, de forma irregular por alguns moradores do local, que bloqueia a passagem da água do mar, que alimenta as lagunas, prejudicando o desenvolvimento normal da sua fauna e flora, que dependem desse fenômeno.

O complexo de lagoas e lagunas possui beleza exuberante, proporcionada pela sazonalidade das águas, que em determinados períodos do ano encontram-se cheias ou secas, fazendo com que a paisagem seja sempre diferente e nunca monótona. Há potencial turístico enorme, porém inexistente pela falta de infraestrutura de acesso às lagoas mais adentradas na vegetação e locais de permanência ou apreciação em outras que, mesmo com fácil acesso, não dispõe de uma pista de caminhada, uma ciclovia ou espaços de convivência, distanciando-as, assim, do contato com o Homem de forma sustentável e harmônica.

As lagoas são as que estão em melhor estado de preservação, pois apesar de receberem água do mar sua maior contribuição se dá pelos rios, sendo assim estão sempre com os níveis de água conservados. Já as lagunas são as que mais sofrem com as intervenções do homem, pois elas são estritamente abastecidas pelo mar, ou seja, necessitam que o mar chegue até elas, através das ressacas, para que se mantenham vivas. Com as ocupações nas suas margens, principalmente na Praia de João Francisco e na Praia do Visgueiro, esse fenômeno fica muito prejudicado ou até impossibilitado em alguns pontos mais críticos, o que acarreta na redução do volume de água dessas lagunas, prejudicando diretamente a fauna e flora que se desenvolvem nesse habitat (figura 14).

Figura 14: Complexo de Lagoas e Lagunas do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba



Fonte: Google Earth modificado pela autora, 2019.



Fonte: Disponível em: <https://www.achetudoeregiao.com.br/animais/jurubatiba.htm>.
Acesso em 10 mar. 2019



Fonte: Fotografia Fernanda Barcelos, 2019.



Fonte: Autora, 2019.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.



Após avaliarmos a qualidade visual do Complexo de Lagoas e Lagunas do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, mediante uso dos indicadores de qualidade visual (PIRES, 2005), obtemos o resultado no quadro 5, que nos permite classificá-lo como sendo de Qualidade Superior (S).

Quadro 5: Análise dos indicadores de qualidade visual do Complexo de Lagoas e Lagunas do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba

	Diversidade				Naturalidade			
	Relevo	Vegetação	Água	Ativ. humanas	Natural sem alterações visíveis ou pouco alteradas	Paisagem urbana com expressiva presença de áreas verdes	Paisagem urbana com poucos elementos naturais ou áreas verdes	
Pouco								
Moderado								
Muito								
Resultado	Média a Superior				Superior			
	Singularidade							Detratores
	Unicidade, raridade, grandiosidade, excepcional beleza	Amplitude Visual	Fenômenos atmosféricos notáveis	Presença de fauna	Paisagem natural sem alterações	Aspectos ecológicos, geográficos ou ambientais	Interesse histórico ou cultural	Intrusão
Pouco								
Moderado								
Muito								
Resultado	Média a Superior							Superior

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise visual da paisagem através da metodologia utilizada constitui uma ferramenta útil para destinações turísticas de modo geral, bem como de cidades litorâneas, como é o caso de Quissamã, que guardam alta potencialidade e mecanismos para atrair turistas ou visitantes. Apesar de pouco desenvolvimento do setor turístico, Quissamã apresenta grande singularidade e naturalidade das paisagens estudadas, destacadas pelo pôr-do-sol, grandiosidade, valores históricos, vegetação, cheias e secas das lagoas, mas que não possuem infraestrutura que as valorizem e que atraiam o público.

Dentre as quatro paisagens analisadas, a única que possui um nível superior de qualidade visual é o Complexo de Lagoas e Lagunas do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, pois ainda possui grandes porções preservadas, no entanto já se observam alguns pontos críticos que atingirão em futuro breve, se não houver a devida atenção, os ambientes ainda

preservados, perdendo-se então a oportunidade do desenvolvimento do turismo local, além de prejudicarem ambiental e esteticamente a paisagem como um todo. Isso também ocorrerá nas demais paisagens avaliadas como de qualidade visual média, que poderiam ser preservadas para que atinjam um nível superior através de diretrizes voltadas para a valorização delas. Mas para que isso ocorra, é preciso que a execução e aplicação do planejamento urbano estejam em consonância com as paisagens hídricas e resgatem a devida importância de cada uma delas.

Portanto, a água deve ser considerada como elemento essencial do planejamento urbano, de modo que as paisagens hídricas sejam integradas à malha urbana e participem dos projetos turísticos, rompendo-se com o abandono pela população e poder público. Sua recuperação é viável em função dos aspectos analisados serem promissores quanto à qualidade visual, faltando então infraestrutura com a criação de espaços que possibilitem a vivência desses locais, juntamente com a conscientização da população para que valorizem tais paisagens e possam desfrutar delas de forma harmoniosa.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) pelo apoio à pesquisa e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de mestrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDEGAIN, Paulo; BIZERRIL, Carlos; SOFFIATI, Arthur. **Lagoas do Norte Fluminense** - perfil ambiental. Rio de Janeiro: SEMADS, 2002. 148 p. (Cooperação Técnica Brasil-Alemanha, Projeto PLANÁGUA SEMADS/GTZ).

BINDER, Walter. **Rios e Córregos, Preservar - Conservar – Renaturalizar: a recuperação de rios, possibilidades e limites da engenharia ambiental**. 3 ed. Rio de Janeiro: SEMADS, 2001. (Cooperação Técnica Brasil-Alemanha, Projeto PLANÁGUA SEMADS/GTZ).

BRASIL. **Lei nº 12.727, de 25 de maio de 2012**. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nºs 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nºs 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm. Acesso em: 05 jun. 2020.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CÂMARA MUNICIPAL DE QUISSAMÃ. **Lei complementar nº 002/2006, de 13 de novembro de 2006**. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável do Município de Quissamã - RJ, e estabelece diretrizes e normas para o ordenamento físico-territorial e urbano, o uso, a ocupação e o parcelamento do solo. Quissamã: Câmara Municipal, 2006. Disponível em: https://quissama.rj.gov.br/arquivos/legislacao/002_2006_lc.002-2006-planodiretor_compr.pdf. Acesso em: 05 jun. 2020.

FADIGAS, Leonel de Sousa. A água e a arquitectura da paisagem. *In: Arquitectura, paisagem e água*. Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, n. 4, p. 34-39, abr. 2005.

JESUS, Ronald Rocha de Jesus; BARROS JÚNIOR, Wilmar Wan-de-Rey de; OLIVEIRA, Vicente de Paulo Santos de; OLIVEIRA, Manildo Marcião de. Variação do espelho d'água da Lagoa da Ribeira, Quissamã-RJ: a possível relação com a construção do sistema de controle de nível da Lagoa Feia. *In: Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade – SIGABI, 8., 2019, Três Rios. Anais [...]*. Três Rios: Instituto Três Rios / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019.

PIRES, Paulo dos Santos. A análise de indicadores da qualidade visual como etapa da caracterização de paisagens turísticas: uma aplicação no distrito-sede de Porto Belo-SC. *Turismo - Visão e Ação*, Balneário Camboriú, v. 7, n. 3, p. 417-426, set./dez. 2005. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/506>. Acesso em: 05 jun. 2020.

SANTOS, Aurélia Maria. Avaliação da qualidade da paisagem e dos atrativos turísticos do Parque Ecológico Spitzkopf – Blumenau (SC). *In: Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 1., Artigos [...]*. Caxias do Sul: Programa de Pós-Graduação em Turismo/UCS, 2003.